

Catarina Oliveira

A defesa da região de Peniche entre a época medieval e a idade moderna



Castelo de Atouguia da Baleia em 1961.
Foto: DGEMN/SIPA

Museu Nacional
Resistência e Liberdade
Fortaleza de Peniche

DGPC, 2020

Nota introdutória

Ao longo de vários séculos, o trecho marítimo Peniche-Atouguia da Baleia foi considerado uma das mais valiosas extensões costeiras da região oeste portuguesa. As suas características particulares permitiam uma fácil acessibilidade, criando as condições ideais para a construção de um porto marítimo naquele local.

Durante o período medieval, a porção de terra que hoje corresponde ao núcleo mais antigo da vila de Peniche era uma ilha fronteira à foz do rio São Domingos e ao lugar de Atouguia da Baleia, distando “do continente cerca de oitocentos passos”¹, ou seja, pouco mais de quinhentos metros.

Foi na Atouguia, e não em Peniche, que se edificou o primeiro embarcadouro da região, existente já antes da formação da nacionalidade. Situado num estuário, e geograficamente resguardado pela ilha que lhe ficava fronteira, o porto de Atouguia da Baleia dedicava-se à pesca e à exportação de bens essenciais. O incremento da actividade comercial que lhe estava associada e as condições de sustentabilidade que esta oferecia favoreceram o estabelecimento do povoado da *Touguia*, que acabaria por se tornar sede de concelho em meados do século XII.

Nos trezentos anos seguintes, a vila de Atouguia transformou-se num importante entreposto comercial da Estremadura portuguesa. A sua localização, de fácil acesso por mar, tornava imperativa a construção de um aparelho defensivo que bloqueasse as investidas exteriores.

Foi então erigida a primeira estrutura defensiva da região de Peniche, um castelo que permitia a defesa simultânea do porto e da povoação de Atouguia da Baleia.



1. Igreja de Atouguia da Baleia, séculos XIV-XVI.
Foto: DGE/MN/SIPA

¹ Descrição atribuída ao cruzado Ranulfo de Granville, citada por Alexandre Herculano na sua obra *Portugaliae Monumenta Historico-Scriptores*. NICOLAU, Francisco (2017), p. 24.

1. O castelo de Atouguia da Baleia, a primeira fortaleza da região

A localidade de Atouguia da Baleia albergou um dos mais importantes portos marítimos do Portugal medieval. Foi no ano de 1158 que D. Afonso Henriques doou a *herdade de Touguia* e os seus termos ao capitão Guilherme Descornes, cruzado francês que tinha integrado os exércitos portugueses na conquista de Lisboa². Em 1167, o monarca concedia à povoação o seu primeiro foral, atestando a importância da região³.

Já nesta época, a Atouguia albergava um porto marítimo de relevância, que exportava bens da região circundante, como vinho, sal e pescado que tinham como destino outras localidades portuguesas, bem como alguns portos comerciais localizados no norte da Península Ibérica e do continente europeu.

Atendendo não apenas à sua localização costeira mas também à sua importância enquanto entreposto abastecedor da zona da Estremadura, a Atouguia da Baleia tinha um valor estratégico fundamental, que era vital defender. Por isso, acredita-se que já em 1158 existia na povoação um castelo que permitia a defesa da região circundante⁴.

O complexo defensivo é mencionado no primeiro foral da vila, embora não se conheça a sua planimetria. Presume-se que, à semelhança de outras fortificações da época, esta estrutura fosse constituída por uma cerca com um pátio interior amplo.

Nas centúrias seguintes, o castelo terá sido reforçado e ampliado ou, pelo menos, alterado para melhorar a defesa que oferecia à povoação e ao porto. Crê-se que entre finais do século XIII e as primeiras décadas do século XIV, a Atouguia seria protegida por uma cerca muralhada com duas portas.

O que actualmente se conhece desta fortaleza é um fragmento de muralha em configuração oval reforçado por uma torre quadrangular destacada (imagem 2). O perfil ovalado que este troço remanescente apresenta levou alguns investigadores a datar o castelo de Atouguia – ou, em rigor, o *segundo* castelo – da época gótica, considerando que a cerca envolvia toda a povoação, sendo atravessada por uma artéria principal, possivelmente estruturada de porta a porta⁵.

² HERCULANO, Alexandre (1846). *História de Portugal*, tomo I, livro II. Lisboa: Bertrand, p. 381; CALADO, Mariano (2000). *Fortificações da região de Peniche*. Almeirim: M. Calado, pp. 33-34; DIAS, João Alveirinho, BASTOS, Maria Rosário (2017). De ínsula a península: o caso de Peniche (Portugal). In Sílvia Dias Pereira et al. (ed.), *O Homem e o Litoral: Transformações na paisagem ao longo do tempo*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro Editora, p. 74.

³ DIAS, João Alveirinho, BASTOS, Maria Rosário (2017), p. 74. O diploma voltou a ser renovado cerca de meio século depois, em 1218, nos primeiros anos do reinado de D. Afonso II.

⁴ CALADO, Mariano (1994). *Da ilha de Peniche*. S.l.: s.n., p. 35.

⁵ CALADO, Mariano (2000), pp. 38-40. Veja-se também uma interessante reconstituição em 3D do antigo Castelo de Atouguia da Baleia, realizada por Bernardo Filipe da Silva Ferreira, Bárbara da Fonseca Barreto, Beatriz Pacheco Torres e Leonor Alves da Escola Secundária Henriques Nogueira em Torres Vedras e sob orientação do professor da disciplina, Ricardo Baldini Visenjou: <https://3dwarehouse.sketchup.com/model/ua4358f31-93ab-4fe4-996c-8445d2b53aa1/CASTELO-DE-ATOUGUIA-DA-BALEIA-S%C3%A9c-XI-RECONSTITUI%C3%87%C3%83O-HIPOT%C3%89TICA>



2. Vestígios das muralhas e da torre do Castelo de Atouguia da Baleia, 1961
Foto: DGEMN/SIPA

Este castelo foi o primeiro reduto fortificado existente na região da actual península de Peniche e, embora não seja uma fortaleza marítima na acepção moderna do termo, era efectivamente uma fortificação ribeirinha, comprovando que desde a Dinastia Afonsina a defesa deste trecho de costa era considerada indispensável.

Na verdade, tal assumpção prendia-se não só com o facto de o ancoradouro ser decisivo para o desenvolvimento económico e demográfico de uma região que abastecia Lisboa, mas também com o facto de a Atouguia ter sido, ao longo da época medieval, um ponto de passagem na navegação entre o norte e o sul do reino que importava defender de ataques de pirataria.

A implantação dos vestígios remanescentes da fortaleza subsistente permite compreender a sua dinâmica defensiva (imagem 3). Construído num dos topos da vila, o castelo formava uma espécie de triângulo defensivo com as ilhas de Peniche e do Baleal, permitindo assim uma ampla visualização até ao porto e à enseada, ao mesmo tempo que protegia a população dentro dos seus muros.



3. Relação do Castelo de Atouguia (círculo vermelho) com a enseada e as ilhas de Peniche e do Baleal. Diagrama de Catarina Oliveira sobre imagem do Atlas do Património classificado e em vias de classificação/DGPC, 2020

2. O porto baleeiro da Atouguia

Um dos factores determinantes para a afirmação do porto de Atouguia como um entreposto comercial de relevo foi o desenvolvimento da actividade piscatória mais importante da região, a pesca da baleia.

Os cetáceos eram considerados peixes reais e, por isso, a sua pesca era de monopólio régio. Como tal, o ancoradouro de Atouguia da Baleia foi uma fonte de rendimento tributário bastante proveitosa para a Coroa até à época moderna. No entanto, para este tipo de pesca com características tão específicas, “Atouguia não estava situada no melhor local” uma vez que se encontrava afastada de mar aberto⁶.

Na verdade, não só era necessário realizar a pescaria a partir de um ponto mais adentrado no oceano, como também as condições para as *baleações*, nome dado à preparação das baleias depois de capturadas (imagem 4), exigiam que estas se fizessem numa localização muito específica, onde fosse possível atracar imediatamente os barcos e dispor de casas para guardar o sal e a madeira⁷ necessários ao processo.

⁶ DIAS, João Alveirinho, BASTOS, Maria Rosário (2017), p. 74.

⁷ ANDRADE, Amélia Aguiar (2004). A estratégia régia em relação aos portos marítimos no Portugal medieval: o caso da fachada atlântica. In *Ciudades y villas portuarias del Atlántico en La Edad Media, Nájera. Encuentros Internacionales del Medioevo*. Actas, org. Beatriz Arízaga Bolumburu e Jesús Angel Solorzano Telechea. La Rioja: Instituto de Estudios Riojanos, p. 79.

Desta forma, o porto da Atouguia da Baleia era “complementado por dois postos avançados, as ilhas do Baleal, pequena e vocacionada para a pesca da baleia, e de Peniche, muito maior e que, portanto, permitia maior diversificação de actividades”⁸.

Foi assim que a ilha de Peniche começou por ser utilizada para estabelecer cabanas que serviam de abrigo aos pescadores e de armazéns para o peixe⁹. Tal como acontecia em todos os locais de pesca baleeira, a utilização destas edificações era taxada a favor do rei ou do senhor das terras, pelo que Peniche era um ponto essencial não apenas para os pescadores da região mas, também, uma importante fonte de rendimento para a Coroa.



4. Gravura com a representação da pesca da baleia e da baleação.
André Thevet, *La cosmographie universell*. Paris, 1575. (<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626691v.image>)

3. O declínio de Atouguia e do seu castelo

Até ao final do século XIV o entreposto de Atouguia conheceu franco desenvolvimento. Porém, a partir desta época começaram a registar-se movimentos de sedimentação de areias junto à barra do rio de São Domingos que causavam impedimentos às manobras de carga e descarga dos navios no porto. Desde logo foi notório que tal iria afectar gravemente o comércio local e, conseqüentemente, o volume fiscal de que a Coroa auferia à conta da pesca na região da Atouguia.

⁸ DIAS, João Alveirinho, BASTOS, Maria Rosário (2017), p. 74.

⁹ NICOLAU, Francisco (2017). *Fortaleza de Peniche. O monumento e o tempo: um projeto de recuperação*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. (Tese de mestrado), p. 24.

Como tal, D. João I tomou as primeiras providências para evitar a decadência do ancoradouro, ordenando acções de desassoreamento da faixa entre a Atouguia e a ilha de Peniche. Alguns anos depois, o rei D. Duarte retomava o projecto de limpeza da bacia hidrográfica, determinando que se continuassem os trabalhos de retirada das areias. Estas acções permitiram que “o porto (e o comércio consequente) voltasse a ter grande actividade”¹⁰, numa dinâmica que se manteve até aos primeiros anos do século XVI.

A recuperação do ancoradouro e do seu comércio fez com que a região voltasse a ter a relevância de que havia usufruído na época medieval.

Por isso, em 1448, D. Afonso V instituía a Casa de Atouguia, doando o seu senhorio aos Ataíde, velha família nobre que havia prestado vários serviços à Coroa ao longo de três séculos.

Era assim criado o título de conde, de juro e de herdade, a favor de D. Álvaro de Ataíde, herói militar das campanhas africanas, que se tornava senhor da vila de Atouguia e alcaide do seu castelo.

No entanto, e apesar da reconhecida importância comercial e estratégica que teve ao longo de toda a época medieval, comprovada na criação de um condado da qual era sede, e das medidas régias no sentido de combater o assoreamento do seu porto, Atouguia da Baleia não conseguiu escapar ao declínio que lhe adveio com a época moderna.

Por um lado, a desembocadura do rio de São Domingos continuou a encher-se de areia, tendo como consequência crescentes e irremediáveis dificuldades no funcionamento das actividades do porto de Atouguia, acabando por provocar o seu encerramento.

Por outro lado, o assoreamento da barra foi formando uma ligação terrestre cada vez mais estável entre o continente e a ilha de Peniche. Embora a sedimentação definitiva só se verificasse no século XVII, o acesso terrestre cada vez mais amplo e fácil que se foi firmando ao longo da centúria de Quinhentos tornou o lugar de Peniche uma “alternativa viável”¹¹ ao estabelecimento de um novo ancoradouro marítimo e de uma nova povoação.

Com o empobrecimento económico e comercial de Atouguia, a população local começou progressivamente a rumar a Peniche, que se ia tornando uma península com melhores condições de trabalho, habitabilidade e, sobretudo, com um melhor acesso ao mar¹². A aglomeração urbana da nova povoação começou a formar-se na zona



5. Armas do chefe da linhagem dos Ataídes.
Livro do Armeiro-mor, 1509

<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162406>

¹⁰ DIAS, João Alveirinho, BASTOS, Maria Rosário (2017), p. 74.

¹¹ DIAS, João Alveirinho, BASTOS, Maria Rosário (2017), p. 75.

¹² Sobre a evolução morfológica da ilha/península de Peniche ver as plantas propostas por NICOLAU, Francisco

norte da ilha, correspondente a Peniche de Cima, e evoluiu para a área de Peniche de Baixo, acompanhando o “sentido da união da ilha ao continente”¹³.

Assim, a próspera vila medieval de Atouguia da Baleia foi entrando numa progressiva decadência e o seu antigo porto acabaria por se transformar num local onde a navegação comercial portuguesa era atacada por corsários. Ao mesmo tempo, Peniche passava de ilha a península, e de terreiro de armazéns de peixe a uma povoamento consolidado e em acelerado crescimento demográfico.

A importância vital de Peniche na estratégia defensiva da região foi-se tornando evidente nas primeiras décadas de Quinhentos. De facto, com a sua (cada vez mais sólida) ligação terrestre ao continente, a ilha tornou-se num local cobijado, já que, caso conseguisse desembarcar no local, uma tropa inimiga de centenas de homens poderia facilmente alcançar por terra cidades como Leiria, Santarém, ou Lisboa.

Neste cenário, o velho castelo ribeirinho da Atouguia era insuficiente para proteger as populações locais, cada vez mais afastadas das suas muralhas, e o novo porto marítimo, para o qual já não tinha vista privilegiada, ao mesmo tempo que as suas muralhas se tornavam obsoletas face aos avanços da pirobalística.

Assim, com o advento do século XVI, chegava o momento de renovar e melhorar a defesa da região. Iniciava-se então um longo projecto que culminaria com a construção de uma fortaleza marítima actualizada com os novos princípios da arquitectura militar que então se praticavam por toda a Europa.

(2017), pp. 24-39.

¹³ NICOLAU, Francisco (2017), p. 30.